



DIÁRIO DE NOTÍCIAS		DIÁRIO POPULAR	
PORTUGAL HOJE		DIÁRIO DE LISBOA	
CORREIO DA MANHÃ		CAPITAL	
DIA		TARDE	
DIÁRIO			
PRIMEIRO DE JANEIRO			
JORNAL DE NOTÍCIAS	-6.JAN.1980		
COMÉRCIO DO PORTO			

«**O**S instrumentos de análise e criatividade não foram ainda entregues aos portugueses». São palavras de Helder Macedo, secretário de Estado da Cultura que, embora dispondo de uma honrosa lista de actividades do seu departamento durante o escasso tempo em que foi responsável pelo mesmo, pôs, ao ser entrevistado para o seu boletim «Informação Cultural», mais ênfase nas grandes carências de fundo, qualitativas, que no exercício de somar as quantidades, mesmo muito importantes, de benefícios que a ele se ficarão devendo.

Entre estes quero destacar a criação do Departamento das Relações Culturais com os Países de Expressão Oficial Portuguesa, a criação do Departamento do Circo, que vem atribuir justamente dignidade a uma actividade artística desbeneficiada pelo esquema burguês de valias culturais; a institucionalização da Companhia Nacional de Bailado, da Companhia Nacional de Teatro Popular e da Cinemateca Nacional; a criação da Companhia Nacional de Teatro Almeida Garrett, no Porto, e a do Centro Dramático, em Coimbra; a criação (em curso), do Museu de Arte Moderna do Porto, uma das aspirações logo após o 25 de Abril, formuladas pela Comissão para uma Cultura Dinâmica, que nesta cidade então se formou; os estatutos das carreiras de bibliotecário e de conservador de museus; os acordos cinematográficos com a França e com Angola, e multissimas outras medidas, por Helder Macedo iniciadas e concluídas, ou apenas concluídas ou apenas iniciadas. Visava-se, mediante elas, lançar «uma série de bases novas capazes de se fazerem sentir de maneira positiva, algumas delas a curto prazo», como o secretário de Estado mesmo declarou na referida entrevista.

Um dos cuidados de Helder Macedo foi a elaboração dos decretos regulamentares para a reestruturação da SEC para pôr fim ao «quase imoral» funcionamento daquele sector do Estado, onde, da não sistematização e da não organização das funções, resultou instabilidade e insegurança, já que «os quadros e funções eram arbitrariamente definidos, o pessoal não tinha qualquer tipo de garantias, a atribuição da competência era inexistente, mesmo aos mais altos níveis de chefia e de «letra».

Continuando, aliás, uma política que já tinha sido apresentada e seguida como preferencial por António Reis, Helder Macedo (sob este aspecto, sendo o seu pensamento sintono com o de Maria de Lurdes Pintasilgo) orientou-se no sentido da descentralização, ajudando a contrariar a tendência exagerada para concentrar tudo em

Ser cidadão

UM INTERVALO CULTURAL NA GOVERNAÇÃO PORTUGUESA

Lisboa: equipamentos, pessoas e factos culturais. Mas evidentemente, que só com mais tempo se poderia operar a esse respeito uma autêntica viragem. O que foi feito terá, no entanto, como disse Helder Macedo, sugerido a possibilidade dessa viragem. Para ela, aliás, têm que contribuir as organizações culturais particulares — sobretudo as associações populares — assim como as autarquias.

Mas um dos aspectos mais importantes, no campo da cultura, do pensamento afirmado pelo governo Pintasilgo foi o referente à coordenação da política cultural e ao da sua relação com os restantes problemas nacionais. Daí a nomeação de um ministro da Coordenação Cultural, tal como já existia um ministro da Coordenação Económica. Facto que, mesmo em si, e sem mais fundas consequências, já era revolucionário. A ele se referiu deste modo, na sua entrevista, Helder Macedo: «Não terá havido outro governo em Portugal tão consciente da função estruturante da cultura na política global», sendo preocupação constante da actuação do primeiro-ministro «que a criatividade e património cultural das populações sejam convergentes, integrados e até integrantes de todas as acções no plano económico, financeiro e político». Aliás, é no campo da cultura, como o entrevistado também acentuou, que se pode responder (e eu diria em alternativa: ou saber como se pergunta, porque já é muito, senão tudo, que se pergunta), que se pode responder, dizia, a questões básicas como estas: desenvolvimento para quê? desenvolvimento para quem?

Assim, o problema da criatividade é essencial no nosso país. A revolução de Abril desen-

Por NUNO TEIXEIRA NEVES

volveu a criatividade colectiva popular mas terá retraído, não por vontade mas por consequência, um pouco da criatividade privada, não obstante beneficiada do dinamismo de milhares de portugueses retornados das ex-colónias. Conseguindo-se a convergência (na aceitação das suas também necessárias inconvergências e contradições) entre a criatividade colectiva popular e a criatividade privada das pequenas e médias economias, Portugal poderá reencontrar o seu destino, deixando de viver na incerteza das ditaduras políticas de classe ou na mediocridade dos mal formulados e mal aceites compromissos de classe sem grandeza que, após o 25 de Novembro, sucederam ao fracasso da tentativa de revolução socialista. Se estes prosseguirem, não se poderá criar entre os trabalhadores e a pequena burguesia aquele regime de simultânea emulação, luta e colaboração, que estimule as respectivas criatividade, contribuindo, desse modo, para que o país deixe aquela situação que Helder Macedo caracterizou como o «viver das sobras e dos troços do estrangeiro, sejam as remessas dos emigrantes sejam as divisas do turismo». Acerca dessa situação, disse ainda o mesmo: que não é «condigna de uma entidade cultural (como a portuguesa) tão capaz de improvisado face à adversidade».

Mas essa impotência nacional, que cremos não será permanente, é a mesma que faz com que os melhores pensamentos, os mais lúcidos, amplos e generosos, só cheguem ao nível do

Estado a título provisório. É verdade que estes cinco anos de democracia constituíram estímulo para a cultura em vários aspectos da mesma: animação cultural, consumo e prática do teatro, ensino da música, liberdade de imprensa e, alargando o conceito, na auto-organização das massas populares a vários títulos. Mas a cultura também tomou, depois do 25 de Abril, maior e mais dolorosa consciência da sua marginalização, se bem que essa consciência seja o momento doloroso necessário para que ela, libertando-se das seduções ideológicas tradicionais, descubra o caminho da sua própria, específica, eficácia, que é, não tanto o do seu poder e da sua servidão, mas, por um lado, o do seu não-poder, o da sua renúncia ao poder e, pelo outro, o do seu diálogo com o poder, o da sua capacidade, ou da capacidade das suas franjas, de influenciar o poder, de o transformar, o abrir, o diversificar.

Seria bom meditar nisto agora que a direita vai governar o país. E agora que a esquerda vai emendar, no possível, os seus erros, mais se comprometendo com o sistema da cultura burguesa que é o único caminho eficaz que tem ao seu dispor, como força concorrente (a sério) ao poder político. Seria bom que se tirassem as lições do alto respeito pela cultura do governo Pintasilgo, governo provisório, efémero, concessão do poder (para dignificar-se) à coerência, mesmo assim só a possível, da Constituição e a um pouco da poesia do fazer e dizer políticos. É a hora de, por um lado, começarmos a salvar o máximo de aspirações culturais, retirando-as do fracasso da revolução e da aspiração socialista, e dando-lhes autonomia relativamente à política e, pelo outro, de levar as forças políticas e sociais de esquerda (e em alguns aspectos, até de direita) a incluírem nos seus programas um máximo de aspirações culturais novos, relativos à defesa do ambiente, à formação das pessoas e valores marginalizados, à distribuição do desejo e ao papel da poesia e da arte em geral na vida quotidiana. Mas, para tanto, além de prosseguir o combate aos reacconarismos culturais da direita, há que combater, fortemente, as ideias reacconárias da esquerda em matéria de cultura, todas decorrentes da subordinação indiscriminada do fenómeno cultural à luta de classes. Uma grande parte da cultura burguesa mantém-se paradoxalmente, porque ao serviço da classe trabalhadora ou dos seus funcionários, sob a protecção das cartilhas marxistas. Que, hoje, já vão tapando mais do que abrindo os olhos para as novas verdades. Pelo que seria desonesto e covarde não o divulgar, o repetir, ainda que doa a muitos e escandalize muitos mais.